

Artur Lima diz que demissão é “absolutamente normal” e garante que coligação está “coesa”

O vice-presidente do executivo açoriano, o centrista Artur Lima, defendeu ontem que a coligação do governo (PSD/CDS-PP/PPM) está “coesa” e que a demissão do secretário da Saúde foi um processo “absolutamente normal”.

“A coligação felizmente está muito estável, é uma coligação muito coesa. Isso não tem nada a ver. São dinâmicas normais de renovação, de pessoas que já não querem estar. É um processo absolutamente normal. Vejo isso com toda a tranquilidade e como um processo normal da democracia”, afirmou Artur Lima, em Angra do Heroísmo, quando questionado sobre a demissão do secretário regional da Saúde.

Questionado sobre a demissão de Clélio Meneses, o vice-presidente do executivo açoriano disse não ter qualquer reação a fazer.

“O senhor presidente do Governo é que tem a competência exclusiva, própria, de nomear e exonerar membros do Governo. Portanto, quem se irá pronunciar sobre isso, dentro da



sua competência própria, é o senhor presidente do Governo”, apontou.

Perante a insistência dos jorna-

listas, Artur Lima acrescentou que as remodelações dos governos “são normais na democracia”.

“Não vejo qualquer problema nisso. São processos dinâmicos. Todos os governos têm remodelações. Não me lembro de nenhum governo nos Açores que não tenha [tido] remodelações”, frisou.

Em novembro de 2022, à margem da apresentação das conclusões do Conselho de Governo, o vice-presidente do executivo açoriano disse que os médicos não podiam “usar o dinheiro como moeda de troca para dispensar” a prestação de cuidados, considerando que tal era uma “violação grosseira” da ética.

“Os médicos devem ser bem remunerados, mas não podem usar o dinheiro como moeda de troca para dispensarem cuidados de saúde aos seus doentes. Julgo que isso é uma violação grosseira do juramento de Hipócrates, da ética e da deontologia”, afirmou na altura, a propósito de uma reivindicação de revisão do valores pagos pelas horas extraordi-

nárias nos Açores.

As declarações de Artur Lima levaram os médicos a exigir um “pedido de desculpa” e mais de 400 profissionais manifestarem indisponibilidade para realizar horas extraordinárias para além do limite legal das 150 horas, o que ameaçava colocar em causa o serviço de urgência do hospital de Ponta Delgada em dezembro.

Questionado sobre se assumia responsabilidade pelas “ingerências” referidas por Clélio Meneses, o vice-presidente do executivo açoriano afirmou que era responsável apenas pelas suas áreas de governação.

“Tenho trabalho suficiente todos os dias para me preocupar com as minhas áreas de governação. Sobre a entrada e saída, exoneração ou não exoneração, sobre opiniões alheias não tenho nada a dizer”, adiantou.

“Tenho tanto que fazer, que tomara ter tempo para tratar todos os dias das minhas coisas. As coisas dos outros membros do governo, de todas as áreas de governação, a eles dizem respeito”, acrescentou.

Oposição acusa “falta de liderança” de Bolieiro



afirmou.

Para Berto Messias, a demissão do secretário da Saúde é “mais um episódio revelador da falta de liderança” do presidente do Governo dos Açores, o social-democrata José Manuel Bolieiro, que “prefere sacrificar um secretário do que impor ordem”.

“Acho que os açorianos já estão todos fartos das meias palavras do presidente do Governo Regional que tenta dizer tudo, mas acaba por não dizer nada. Há um conjunto de episódios, e este é mais um, que demonstra que o grande fator de instabilidade na região é o Governo Regional”, reforçou.

BE diz que existem “capelinhas na Saúde”



O BE/Açores afirmou que o pedido de demissão do secretário da Saúde e as razões que invoca “são a confirmação da incapacidade” do Governo da coligação em governar, resumindo-se à sua sobrevivência política”.

Num comunicado de imprensa enviado às redações, o BE afirma que a saída do secretário regional da Saúde

e Desporto, “pelos motivos divulgados pelo próprio confirmam a acusação feita pelo Bloco de que existem capelinhas na saúde”.

“É o próprio titular da pasta que confirma sucessivas ingerências no exercício do cargo, o que é a prova cabal de que a pasta da saúde está dividida entre diferentes partidos da coligação - o PSD e o CDS”, lê-se no comunicado.

Para o Bloco, “fica demonstrado uma vez mais que o Governo e os partidos da coligação colocam à frente dos interesses dos açorianos e açorianas e da resolução dos muitos problemas” do Serviço Regional de Saúde (SRS), “o seu próprio interesse partidário e as suas clientelas políticas”.

“Com este Governo e esta coligação, a saúde e o SRS nunca estarão em primeiro lugar. A demissão do secretário da Saúde e as razões que invoca são a confirmação da incapacidade do Governo da coligação em governar. A governação resume-se à sua sobrevivência política”, sustenta o BE/Açores.

Chega afirma que coligação é um “saco de gatos”

O Chega alertou que o Governo dos Açores não pode viver de “egos e ingerências”, preferindo “brincar como um saco de gatos”, a propósito da demissão do secretário regional da Saúde.

“Não podemos ter um Governo que vive de egos e de ingerências, e que prefere brigar como um ‘saco de gatos’ entre si do que governar os Açores. Não contem com o Chega para isso”, avisou ainda o deputado único do



partido no parlamento açoriano, com quem o executivo de coligação PSD/CDS-PP/PPM firmou um acordo de incidência parlamentar.

O deputado do Chega defendeu que “os Açores precisam de estabilidade na governação” e que isso é “algo que não se consegue mudando os atores políticos de pouco a pouco”.

Pacheco lamentou a saída de Clélio Meneses e destacou que o agora ex-governante “sempre soube manter um diálogo aberto com o partido, numa atitude de respeito democrático”.

“Prova disso são as várias medidas propostas pelo Chega e que obtiveram boa aceitação do executivo e estavam já em marcha”, recordou.

Perante as razões que levaram à saída de Clélio Meneses, Pacheco disse que o Chega “sempre defendeu um governo coeso em prol dos Açores” e, “acima de tudo, estabilidade na governação numa altura tão delicada para as famílias e empresas açorianas”.